

Prefácio de *A palavra e os dias*. Referência completa: DUARTE, Vera. *A palavra e os dias*. Organização e prefácio Christina: Christina Ramalho. Belo Horizonte: Nandyala, 2013, p. 9-24.

Prefácio

A vida é um texto híbrido: ora se escreve em forma de poesia, ora em contos, ora em longas narrativas, ora em dramas, comédias, tragicomédias, ora em crônicas, ora mesmo em silêncio, o que deixa no ar o suspense do texto que não se disse e que talvez, se fosse dito, mudaria a própria vida. No entanto, feita de matéria concreta (os textos) ou de abstração (o silêncio), a vida, caprichosamente, se revela em cada um/a de nós no momento em que expressamos — falando, escrevendo, calando, sorrindo, olhando, ouvindo, tocando, trocando, caminhando e parando — nossa condição humana: existir.

A crônica, dentro desse imenso repertório de expressões humanas que revela “vida”, é um gênero curioso, porque detém o poder de abarcar o cotidiano de forma simultaneamente simples e complexa. Simples, porque a linguagem da crônica brota da fala corriqueira, espontânea, comunicativa; complexa, porque dela, na leitura das entrelinhas, recolhem-se metáforas que eternizam o cotidiano, conferindo à própria crônica o caráter atemporal da Literatura.

Organizar as crônicas de Vera Duarte foi, em primeiro lugar, deparar-me com um sentido único, porque individual, de vida. Em sua vibração plural, dada sua natureza igualmente multifacetada — poetisa, ficcionista, cronista, juíza, ministra, feminista, mulher, esposa, mãe, avó —, Vera Duarte construiu e continua a construir uma trajetória marcada por agudo compromisso com um existir positivo, intenso, pacifista e peculiarmente poroso em relação às diferenças, o que faz dela uma cabo-verdiana cidadã do mundo. Sendo matéria vital concreta, sua produção ensaística — em forma de crônicas publicadas na revista *Mujer*, faladas na Rádio Cabo Verde, além das inéditas, algumas delas, inclusive, escritas para compor este livro — revela, portanto, o que, em sua expressão humano-existencial, não foi silêncio, mas comprometimento verbal com os sentidos do viver.

Por se tratar de uma vida traduzida em textos, o que busquei fazer foi agrupar essas crônicas de forma a oferecer a leitores e leitoras um reconhecimento gradual do “universo Vera Duarte cronista”, compondo, assim, um caleidoscópio que, girando em torno das ilhas, das mulheres, das outras lutas, da educação, do Brasil, dos espelhos, da casa e da própria crônica, apresenta os diversos laços da escritora com as demandas que o existir apresentou e apresenta para ela.

Reconhecendo, contudo, o já referido hibridismo do texto chamado vida, decidimos, as duas, permear as crônicas com poesia, ampliando, assim, o leque de emanações de sentidos que brotam das revelações implícitas em qualquer publicação que se ofereça ao público.

O título escolhido por Vera Duarte faz lembrar *Os trabalhos e os dias* (VIII a.C.-VII a.C), do grego Hesíodo, que, em forma de poema, aponta as necessárias relações entre o trabalho e a vida, inserindo aí alusões aos fenômenos da natureza, aos desastres naturais e às estações do ano, que predeterminam os ciclos agrícolas, além das narrativas míticas de Prometeu e de Pandora, diretamente associadas ao tema trabalho, das referências às gerações do trabalho na Grécia e suas relações com os deuses, e das reflexões sobre critérios de justiça que devem permear a convivência humana e as práticas trabalhistas. O livro de Hesíodo teria nascido de fatos familiares reais, envolvendo o próprio Hesíodo e seu irmão Perses, que, por meios desonestos, buscou prejudicar Hesíodo na divisão da herança paterna. Partindo, pois, de uma motivação concreta, vinculada ao próprio cotidiano, Hesíodo criou uma obra que a posteridade tratou de conservar, tão significativas e atemporais são as possibilidades de interpretação e de relação entre as colocações do poeta (e as imagens que criou) com a vida humana. *O trabalho e os dias*, de Hesíodo, obviamente, não exemplifica características da crônica, contudo, por ter partido de fatos reais, guardar marcas da inscrição histórica do autor e ter fortes vínculos com a ideia de justiça, parece muito inspirador a uma obra como a de Vera Duarte.

Ao batizar seu livro de *A palavra e os dias*, Vera Duarte captou o sentido maior que a palavra geradora de crônicas possui ao fazer dos “dias” sua matéria-prima. Trata-se, assim, de um título que reconhece o lugar do cotidiano naquilo que se vai dizer. E, com a crônica, é exatamente isso o que acontece.

Lembro que, através dos tempos, o sentido da palavra “crônica” se transformou. Até a Idade Média, crônica era quase um sinônimo de história. Os textos que então se chamavam de crônicas, ou cronicões, eram relatos minuciosos de eventos, sem intenções outras que não deixar registrados aspectos da realidade que se observava. A partir do século XIX, a crônica começou a se desprender dessa função informativa para ganhar maior valor simbólico, uma vez que autores e autoras da literatura começaram a se interessar pelo gênero.

Esse interesse foi fruto da expansão da imprensa e de uma forma de expressão escrita que surgiu na França, os *feuilletons* (que, em língua portuguesa, viraram

“folhetins”). Os folhetins integravam os jornais do século XIX e incluíam textos breves, escritos por autores e autoras muitas vezes já consagrados/as na literatura. Comentários sobre eventos, reflexões sobre a vida e mesmo histórias fictícias em forma de capítulos integravam o espaço dedicado aos folhetins. A crônica, contudo, cada vez mais começou a ficar atrelada à ideia do acontecimento diário, visto e descrito pela ótica criativa de escritores/as capazes de trabalhar o simples em uma linguagem especial que tocava, simultaneamente, o coloquial e o literário. Lembro-me de uma descrição que Machado de Assis fez do folhetinista: “O folhetinista, na sociedade ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal: solta, esvoaça; brinca; tremula; paira; espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política”.¹

Pouco a pouco, portanto, com a adesão de escritoras e escritores da Literatura ao folhetim, e, por consequência, ao gênero, a crônica foi ganhando espaço nas considerações da crítica literária e deixou de ser vista apenas como uma manifestação do discurso jornalístico para se tornar objeto de reflexão literária. E esse processo se deu porque a “palavra” da crônica sofisticou-se, começou a dialogar com as linguagens figuradas, com a poesia, com a ficção, tornando-se, por isso, uma palavra híbrida, na qual os “dias” habitam sempre de forma a instigar a leitura das entrelinhas. No Brasil, por exemplo, a crônica ganhou espaço, e autores e autoras como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony, Affonso Romano de Sant’ Anna, Marina Colasanti, Martha Medeiros, entre muitos e muitas, são nomes que provam a adesão ao gênero.

Apesar de ainda haver muitas lacunas em relação à recepção estética da crônica como manifestação do gênero ensaístico (que inclui cartas, memórias, biografias, autobiografias, máximas, pensamentos, sermões, etc.), a crônica, em síntese, se caracteriza por sua brevidade; pela publicação e veiculação em canais como jornais, revistas, a televisão e a rádio; pela linguagem simples, próxima do coloquial; por partir do cotidiano; por apresentar aspectos do conto e da poesia, o que a torna uma

¹ Crônica: “O folhetinista”. Disponível em: http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-03012.html. Consulta em 25/05/2012.

manifestação híbrida; por seu tom intimista; e por, geralmente, ser uma narrativa em primeira pessoa.

A crônica cabo-verdiana — e diversas outras obras da literatura de Cabo Verde — chegou às minhas mãos através de Simone Caputo Gomes, na época em que cumpri meus créditos no curso de doutorado na UFRJ. Cheguei mesmo a estudar alguns textos de Fátima Bettencourt e Orlanda Amarílis, escrevendo monografias sobre sua produção. Contudo, mais à frente, já no pós-doutorado, realizado sob a supervisão da própria Simone, dessa vez na USP, o contato com as crônicas de Vera Duarte foi determinante em meus estudos sobre o *epos* cabo-verdiano na poesia épica de Corsino Fortes, porque, somadas às das outras já estudadas, me fizeram mergulhar em um universo de informações sobre a condição da mulher cabo-verdiana em seu país, traço constantemente trabalhado por Corsino Fortes em seu poema.

Dada a natureza mais referencial da crônica, pude, por meio da leitura dos textos dessas cronistas confrontar visões masculinas e femininas sobre as mesmas questões e compará-las àquilo que os estudos cabo-verdianos e o contato direto com a cultura me haviam fornecido.

Vera Duarte é nome já consagrado na literatura cabo-verdiana. Poetisa e romancista, com reconhecimento e prêmios internacionais, é juíza e atuou no governo cabo-verdiano como ministra da Educação. Seu elevado grau de envolvimento com a sociedade cabo-verdiana sempre a levou a se colocar criticamente sobre os fatos que moveram seu país em direção a um progresso cada vez maior no que se refere à qualidade de vida de seus homens, mulheres e crianças. Mas, não resta dúvida, e seus textos confirmam isso, a questão da atuação das mulheres na sociedade de Cabo Verde tem destaque na pauta de sua produção literária. Como cronista, destaca-se sua participação como cronista da revista *Mujer* e da Rádio Cabo Verde. Seu estilo revela a preocupação em ser direta, fazendo uso de uma linguagem simples, mas sempre atenta com as possibilidades semânticas e simbólicas criadas pelas comparações.

A divisão de *A palavra e os dias*, tal como salientei antes, brotou de um natural reconhecimento dos campos semânticos abordados por Vera em sua trajetória como cronista. Passo a breves comentários sobre cada uma das partes.

“As ilhas, um país” reúne crônicas em que o “ser cabo-verdiana” se revela nos pequenos e grandes aspectos que as ilhas de Santo Antão, São Nicolau, São Vicente e Santiago deixaram marcados na história de vida de Vera Duarte. Como diz o poema que abre essa parte, Cabo Verde, terra do milho, do desejo da chuva e do suor de seus

habitantes, é a pátria que não pode jamais prescindir da cidadania de seus filhos e de suas filhas. E o que se vê nas crônicas de Vera Duarte é justamente essa consciência de que “ser cabo-verdiana” exige um comprometimento, e esse vínculo com a terra sempre passa pelo respeito às origens, que, no caso de Cabo Verde, muitas vezes se dispersam em ilhas distintas, dados os movimentos de migração interna que espalham as famílias pelo arquipélago. Assim, os “dias” da menina que ouvia as histórias de Blimundo vão fundear ao largo do Paul, correr entre bananeiras e canaviais e vibrar na força materna que reverbera em Santo Antão; vão também tomar banho no Tantchon, ir ao parque natural do Monte Gordo e desfrutar da vista que ali se oferece, e reconhecer a influência do “berço da intelectualidade cabo-verdiana”, ainda vívido na “terra pater”, São Nicolau... Em São Vicente, esses “dias” serão movidos a tocatinas, serenatas e literatura e estarão carregados de uma identidade plural, híbrida, inserindo no imaginário da menina um mundo vasto, que é talássico, mas que tem muitas cores, porque, em São Vicente, o mar lhe trouxe outras gentes e um modo diferente de encarar a vida. Sem nunca deixar o seu “banquinho na Avenida Marginal”, Vera, com sua “palavra”, explica, implicitamente, os porquês de terem brotado nela as motivações para tornar-se também uma cidadã do mundo. Em Santiago, no “palco central da política e da economia do país”, e menina cede lugar à mulher, à cidadã Vera Duarte, que na Praia construiu sua “casa transitiva” e, tal como a ilha de Santiago, fez-se ponte para uma nova ordem, “mais aberta, mais humana”. A memória, contudo, tal como a ilha preserva na “cidade do mais antigo nome, a Cidade Velha”, mantém-se viva na “palavra” e nos “dias” de Vera Duarte.

A segunda parte, “As mulheres”, apresenta crônicas nas quais a realidade da autora — “ser mulher” — tem dimensão coletiva. As mulheres de que fala Vera tanto são cabo-verdianas como mulheres de todo o mundo, tanto são vítimas de terríveis injunções patriarcais como são heroínas de uma luta que, ainda bem, vem se transformando, porque o próprio mundo está mudando e as tais injunções estão se desfazendo. Ora “chutando o balde” (como diz o poema de abertura), e deixando à vista tramas perversas que enredaram mulheres injustiçadas, ora se referindo, bem-humorada, às mazelas que envolvem as mulheres em preocupações sobre a chegada da meia-idade, ora contemplando a seriedade e a necessidade do envolvimento das mulheres com a política, a saúde (incluindo as práticas desportivas) e a educação, Vera nos conduz a “dias” em que a “palavra” áspera se fez e se faz urgente para que a justiça às mulheres seja feita, e o “8 de Março em Pingo d’Txuva” seja sempre uma festa.

“Outras lutas” é um “canto à flor que sangra”, mas também à “criança esperança” que, na visão de Vera Duarte, deve ser a habitante principal de um “mundo em construção”. Nessa parte, a “palavra” e os “dias” se vinculam pelo recorte politizado e coerente que Vera Duarte dá a temas como a deficiência; a dependência das drogas; a qualidade de vida no espaço urbano; a consciência ecológica; o aquecimento global; as energias renováveis; a discriminação racial; o cotidiano das pessoas que, nos hospitais, vivem o drama das enfermidades; as estatísticas alarmantes da mortalidade no mundo; a mortalidade infantil; as controvérsias sobre as células-tronco; a emigração clandestina; a violência; os conflitos de motivação religiosa; o direito dos cidadãos à justiça; e o turismo em Cabo Verde. Dimensionando questões mundiais e locais, essas crônicas refletem preocupações “públicas” e “privadas” da autora, que, participando, na condição de juíza, de escritora e de ministra, de eventos internacionais voltados aos cuidados com o planeta, faz-se porta-voz para seu povo de posturas concentradas em atingir metas para se chegar a um mundo melhor. Por meio da “palavra” de Vera Duarte, entra-se em contato com eventos como a Conferência das Nações Unidas em Durban, realizada em 2011, a Conferência de Copenhague em 2009, entre outras, além das bases filosóficas e das ações que orientam a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Voltando-se diretamente às oito metas estabelecidas pela Organização das Nações Unidas, no ano 2000, a saber: “acabar com a fome e a miséria”, “educação básica de qualidade para todos”, “igualdade entre sexos e valorização de mulher”, “redução da mortalidade infantil”, “melhoria na saúde das gestantes”, “combate à AIDS, à malária e a outras doenças”, “qualidade de vida e respeito ao meio ambiente” e “todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento”, Vera Duarte nos fala de “dias” que podem ser melhores, se nasce em cada um de nós a vontade de participar de uma consciência crítica global direcionada a práticas efetivas para essa transformação. Por referenciarem incisivamente temáticas de tamanha importância nos cenários internacional e local, as crônicas que integram essa parte têm linguagem mais direta e constituem uma “palavra” menos simbólica, esteticamente falando, mas inegavelmente necessária para que os “dias” futuros sejam compreendidos a partir de uma visão clara e transparente.

A quarta parte, “Educação” tem como subtítulo “Fora de uma zona de relativo conforto”. E esse subtítulo se justifica pelo fato de Vera Duarte ter sido ministra da Educação. Ou seja, nesse conjunto, a “palavra” de Vera também reflete suas ações como administradora, o que a tira da “zona de relativo conforto” na qual geralmente estão

aqueles e aquelas que teorizam sobre os problemas, sem terem passado diretamente pela experiência de poder interferir sobre a ordem das coisas. No entanto, nessa parte, Vera Darte não alude diretamente à sua experiência como ministra, mas apresenta, no conjunto das reflexões, as bases que nortearam e norteiam sua visão sobre o tema educação. Em primeiro lugar, ela reconhece o papel que o intelectual deve assumir na sociedade, “fazendo crescer, nas comunidades em que se insere, seja em nível local, nacional, regional ou internacional, o gosto pelo que é belo, é arte, é cultura”; em seguida expressa o desejo de que escola cidadã, pouco a pouco, se faça realidade em Cabo Verde. O papel do professor ganha relevo em crônica própria, na qual fica explícita a consciência da autora acerca da necessidade de se redimensionarem as reflexões sobre essa categoria profissional. A simpatia pelo pequeno livro *Indignez-vous* (Indignai-vos), de Stéphane Hessel, publicado em outubro de 2010, é reveladora. Comentando que Hessel, para atingir objetivos como extinguir “o fosso crescente entre os muitos ricos e os muito pobres”, modificar “o tratamento dado aos imigrantes ilegais”, reconhecer o direito “dos palestinos no conflito Israelo-palestino”, restabelecer “uma imprensa livre” e proteger o meio ambiente, “apela, claramente, à insurreição pacífica e não-violenta dos povos”, Vera Duarte demonstra sua própria natureza pacifista e conciliadora, ainda que indignada. De outro lado, em “Viva a liberdade”, ao considerar o “espantoso movimento de sublevação pacífica das populações do mundo árabe”, a cronista defende a liberdade como o único verdadeiro caminho para a conquista de um mundo novo. E essa liberdade também se insere na temática de “Eleições em África”, em que o foco é o voto, descrito como “um direito universal que assiste a todos os seres humanos qualquer que seja a sua raça, cor, sexo ou religião”. Voltando-se, no final, à realidade cabo-verdiana, a “palavra” de Vera homenageia “nhô Djunga”, João Cleofas Martins, por ela descrito como “fotógrafo de profissão, grande humanista, amigo das crianças e de veia profunda e finamente humorística”. Ao contar que “nhô Djunga enchia a sua viatura de crianças das camadas mais desfavorecidas e dava-lhes longos passeios enquanto certamente lhes contava as mais lindas histórias de encantar”, Vera se volta às origens e mostra que o futuro também pode se alimentar do passado, quando esse apresenta exemplos dignos de serem imitados.

“Brasil”, quinta parte, nasceu do convívio íntimo e constante de Vera Duarte com a realidade brasileira. “Nações irmãs”, Cabo Verde e Brasil guardam histórias comuns e trocas simbólicas importantes, como as literárias e agrícolas, por exemplo.

Contudo, estar “no” Brasil, ou seja, vivenciar os “dias” brasileiros deu à Vera um conhecimento sobre a nação irmã ainda mais fraternal. Por essa razão, com olhar generoso, abraçada à “Vera Cruz”, a autora contempla desde “estórias de disponibilidade, generosidade e receptividade” com “amigas brasileiras”, que também incluem passagens pitorescas como a que narra em “Terninho”, a aspectos da realidade brasileira como o contraste entre a beleza e os flagelos sociais, os programas “Bolsa Família” e “Fome Zero” e o caráter feliz do povo brasileiro, caracterizado na “palavra” de Vera, por sua “malemolência”. Nessa parte, Vera relembra, ainda, o falecido escritor cabo-verdiano Luís Romano, que, radicado em Natal desde os anos 60, obteve reconhecimento no Brasil. Para Vera, o Brasil também é “terra de morabeza”, e a fraternidade com Cabo Verde, construída pouco a pouco, nas estações sequenciais “da dor”, “da assimilação” e “do amor”, tem ponto relevante de sustentação na Lei nº 10.639 de 9 de Janeiro de 2003, que inseriu a literatura e a cultura dos PALOPs no ensino brasileiro.

Em “Os espelhos”, sexta parte, Vera Duarte discorre sobre “Heróis, Ídolos, gente admirável”. Conforme diz o poema de abertura, destinado a Amílcar Cabral, o “gesto” e a “gesta” são referentes inequívocos para que se estabeleçam dentro de nós laços de admiração com outras pessoas. Com Vera Duarte, além de Amílcar Cabral, maior entre os heróis da história de Cabo Verde, esses laços têm nomes como Indira Gandhi, Nho Roque, os claridosos, Néelson Mandela, mulheres pioneiras, mulheres que brilham. Em meio à “palavra” que revela os porquês desses espelhos, brota espontaneamente o afeto que também cerca a admiração. Assim, as mulheres que brilham por “terem ousado serem o que são ou foram e nessa ousadia terem ajudado a transformar o futuro”, tal como foram Indira Gandhi e as feministas pioneiras de Cabo Verde, reacendem o que na palavra que louva é também princípio próprio de ação. De outro lado, ao afirmar que “se eu pudesse mudar a história, incluiria esse homem (nho Roque) no grupo dos três magníficos: Jorge, Manuel e Baltazar claridosos”, Vera amplia o retrato cultural do movimento, justificando uma visão própria e capaz de repensar os paradigmas culturais de seu país. Também carregado de afeto está o depoimento sobre a foto com Mandela, que, por não ter acontecido, não deixou o artefato concreto que poderia fazer a imagem circular pelas gerações futuras da família da autora. A “palavra” aqui cumpre a função de ser também imagem e, assim, substituir a foto que não houve. De certo modo, a “palavra” espelha os próprios espelhos, em um jogo infinito de sentidos.

Na sétima parte, “A casa”, a palavra de Vera revela uma mulher “em família”. O universo íntimo se abre a leitores e leitoras, em gesto generoso de troca, bem característico da crônica, uma vez que o diálogo explícito ou implícito com leitores e leitoras quase sempre permeia esse tipo de texto. Nessa parte, “em cânticos na manhã renovada”, vários aspectos do cotidiano familiar da autora ganham destaque. Em “Amores eternos”, a “palavra” de Vera relembra que o amor eterno que une as mães a seus filhos é capaz de superar “momentos de crotxa” por meio do diálogo, do carinho e da atenção. Já em “Mimos”, o que se dimensiona é o amor de avó, e a grandeza que o coração da mulher alcança ao chegar a esse patamar da vida. Em “Herança genética”, Vera Duarte pinta um retrato delicado e afetivo da mãe, descrita como uma “mulher linda, generosa, extremamente activa e saudável do alto dos seus oitenta e três anos, verdadeiro *cósc mercón*”. Da admiração pela mãe, nasce o desejo de que se cumpra um destino: o da “herança genética”. Outra homenagem familiar é feita à irmã Ana, precocemente falecida, e cuja imagem é acompanhada pela imagem “da copiosa chuva africana e saborosas mangas tropicais”, “em terras da Guiné Bissau”. A crônica “Superação” mais uma vez demonstra a generosidade de Vera Duarte, que compartilha com leitoras e leitores um drama pessoal — a possibilidade real de chegar à cegueira — que logrou ter um desfecho positivo, a partir da contribuição de pessoas queridas e do encontro com a Medicina brasileira. Falando sobre a presença do amor nos “dias” de todos nós, Vera Duarte, entregando todo o seu coração ao marido que lhe “ampara os dias e alegra as horas”, reflete sobre as diferentes formas de amar e os resquícios de beleza que as experiências amorosas, se bem consideradas, podem deixar em nós. Ainda no plano dos afetos, surgem as “amigas”, cada qual circunscrita a um espaço, a um tempo e a um contexto específicos, sem que isso signifique maior ou menor amizade. Também à memória Vera destina uma “palavra”. Refletindo sobre o envelhecimento e a preocupação com o que se deixará como lembranças a serem guardadas pelos seus, a autora retoma momentos memoráveis de sua carreira, como o prémio literário Tchicaya Utansi de poesia africana 2001 ou as condecorações recebidas em Cabo Verde, não em tom egocêntrico, mas sob forma de uma palavra natural que cede espaço, inclusive, a acontecimentos como a compra de um “fatinho lindo” (e caro!), motivada pela preocupação da mulher Vera com o evento em que receberia o prêmio Norte-Sul de Direitos Humanos. A importância da família e a lembrança de momentos singelos de troca com filhos pequenos fecham essa parte, aproximando definitivamente leitores e leitoras do percurso seguido durante a leitura de *A palavra e os dias*.

Na última parte, “Crônica”, renunciando a possibilidade futura de seguir em “direção a uma madrugada diferente”, Vera Duarte, encerra o livro com um “Sei lá”, que não sabe definir se o ato da escrita é processo fácil ou difícil, mas que afirma que “O que sei é que sempre que puder e souber irei trocar por letras de imprensa essa extraordinária sucessão de guerra e paz, fome e fartura, choro e alegria que é a vida da gente”. Ou seja, *A palavra e os dias* se encerra com o vaticínio da continuidade no envolvimento da autora com a crônica.

Feitas as considerações sobre o livro, deixo apenas um registro sobre como a “palavra” na crônica pode nos oferecer um manancial de associações e reflexões, dada a natureza estética de uma criação que, como aqui já se afirmou fartamente, busca no coloquial o ponto de partida para uma “fala” que, nas entrelinhas, vai costurando sentidos novos. Assim, analisando apenas uma crônica, “O reverso da medalha”, pretendo ilustrar como o literário se infiltra na criação de uma palavra supostamente despreziosa e que, no entanto, pode, pela articulação criativa dos sentidos, provocar a presença do “não dito”, do simbólico, que caracteriza um texto literário. Ainda que esse efeito estético não seja uma obrigatoriedade da crônica, já que a mesma também se insere no âmbito do discurso jornalístico, referencialmente comunicativo, há, em muitas crônicas de Vera Duarte, essa artesanaria da palavra que remete ao simbólico. Espero, com esse exemplo, estimular leitores e leitoras a revisitarem as crônicas de Vera, e perceberem, na “palavra” da autora, novos sentidos para os “dias”.

A estrutura de “O reverso da medalha” condiz com as características usuais da crônica: brevidade (são apenas 9 parágrafos, em 27 linhas; narrador em primeira pessoa; e intimismo (fala de uma experiência pessoal); parte de um fato corriqueiro (“Sentada no bando do jardim, vou fazendo o crochet tão em moda.”). No desenvolvimento do texto, como se entrelaçasse pontos de crochê, Vera Duarte vai transformando uma ação corriqueira — fazer uma atividade manual — no pretexto para desenvolver uma símile por meio da qual expressará um ponto de vista acerca das funções assumidas pelas mulheres na sociedade. Entre essas funções, escrever.

A crônica apresenta um confronto de imagens entre os pontos do crochê, ordenados e seguros, e as frases desconexas que vão surgindo na cabeça da narradora, gerando a símile implícita: fazer crochê e escrever.

A consciência do conflito que o desejo de escrever provoca — fazer crochê ou escrever? — faz-se emblemática dos conflitos cotidianos que, por exemplo, a dupla jornada de trabalho provoca nas mulheres na contemporaneidade. O conflito, assim,

torna-se metáfora do próprio enfrentamento das mulheres que, muitas vezes, têm que optar entre realizar atividades domésticas histórica e culturalmente associadas ao feminino e atuar transgressoramente, assumindo papéis, como o de escritora, entrando em “reduto” milenarmente masculino.

A constatação, no terceiro parágrafo, de que a ótica da sociedade patriarcal ainda não assimilou as transformações geradas pela emancipação feminina está implícita na ideia de que abandonar o crochê poderia ser simbolicamente entendido com um gesto de ruptura com o espaço doméstico.

Revelando-se uma crônica de opinião, o texto começa a elaborar um questionamento e uma explicitação do ponto de vista da narradora sobre a suposta incompatibilidade entre atuar no espaço doméstico (ou privado) e atuar no espaço social externo: “Considero que é extremamente compatível desempenhar um cargo público saber mudar as fraldas de um bebê.” A reafirmação do ponto de vista: “Acho que sim” reafirma o ponto de vista da narradora.

Se na introdução dos parágrafos – “Fico indecisa”, “Ponho-me a pensar”, “Considero” e “Acho que sim” – demonstra-se um movimento ainda desordenado de construção do pensamento, no 5º. parágrafo, a posição está assumida, e ponto de vista ganha sentido a partir da expressão “reverso da medalha”, que dá título à crônica.

“Medalha” tem valor metafórico. Representa, iconicamente, uma conquista. E o seu “reverso”? O que representa? Segundo a crônica, o não reconhecimento, por parte dos homens, do significado da conquista das mulheres emancipadas: “Não se compreende que o homem se valorize profissionalmente, mas que quando chegue a casa tenha de chamar a mulher – que chegou com ele – até para lhe trazer o jornal...”

“O reverso da medalha”, portanto, contrapõe a imagem da mulher subjugada dentro do espaço doméstico à da mulher emancipada fora do espaço doméstico. O texto construído clama, enfim, pela “dignificação das atividades dentro e fora do lar”. E não só faz isso, como apresenta um encaminhamento para uma solução possível do paradoxo da medalha: que seu “verso” e seu “reverso” sejam compatíveis com a conquista alcançada, logo, à mulher emancipada deve corresponder um “homem emancipado”.

Simbolicamente, no texto, a “chuva miudinha” torna-se “chuva abundante”, e a indecisão entre “crochetear” e escrever se resolve: a narradora revela que abandonou o crochê para, através da escrita, contribuir para que a “chuva miudinha” se tornasse “chuva abundante”.

O estilo leve de Vera e sua sensibilidade para aproximar referentes antagônicos a partir de duas ações – fazer crochê e escrever –, extraídas de uma situação aparentemente corriqueira e destituída de dramas, reafirmam a crônica como um espaço legítimo para se repensar a cultura, a sociedade e as relações de gênero.

A palavra e os dias, de Vera Duarte, oferece, portanto, a leitores e leitoras, um repertório consistente e revelador de vivências cotidianas, privadas e públicas, locais e globais, bem-humoradas e “indignadas”, que, antes de tudo, refletem um estar no mundo assumido em primeira voz por uma mulher que faz dos dias seu caminho e da palavra, seu caminhar. Obrigada, Vera, pela oportunidade de ter “caminhado” com você neste livro!

Christina Ramalho